

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda & MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: Introdução à filosofia*. São Paulo: Moderna, 1986.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. 6ª ed., São Paulo: Ática, 1997.

LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia do trabalho científico*. 4ª ed., São Paulo: Atlas, 1992.

MAGEE, Bryan. *História da Filosofia*. 3ª ed., São Paulo: Loyola, 2001.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Emílio ou da educação*. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *O contrato social*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

RUSSEL, Bertrand. *História da Filosofia Ocidental*. 3ª ed., São Paulo: Editora Nacional, 1969.

CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, percebe-se que o homem projetado por Rousseau nunca existiu. Os homens jamais se encontraram no estado puro de natureza, a menos que tenham entrado nele em virtude de algum fato fora do comum. Ele usava o estado natural como uma maneira de imaginar uma sociedade ideal, justa, sem corrupções, como ele gostaria que fosse e assim, usa dessa forma para criticar a sociedade atual. Ele servia-se de hipóteses para fazer comparações das várias formas de sociedades existentes.

Rousseau estava insatisfeito com a degradação humana, e essa não-aceitação lhe trazia nostalgia, agitação e angústia. Por isso, buscava um modelo completamente alheio ao homem da atualidade. Para ele, todos os progressos da espécie humana afastam-na de seu estado primitivo. Quanto mais se acumulam novos conhecimentos mais se afasta do maior e mais importante conhecimento que é aquele que vem da natureza, onde prevalece o sentido de justiça, o amor pela virtude e tudo que contribui para tornar o homem melhor.

Na sociedade acontece o contrário. A espontaneidade, a franqueza da vida natural entra em confronto com a ganância, a inveja, a soberba da vida social. A sociedade não consegue lidar com a diversidade, que é efeito de uma vida natural, por isso, ela só trabalha com os conceitos de nivelamento e generalização e, conseqüentemente, subjugando a natureza individual de cada homem em favor de uma natureza coletiva única. O espírito competitivo da alma humana não é original, foi adquirido ao longo da história e sofreu grandes alterações na sociedade, pela aquisição de uma grande quantidade de conhecimentos e erros, de um caminho de afastamento das necessidades e das inclinações originárias onde só prevalece a mentira, a arrogância e a ambição.

Para Rousseau, é preciso ter idéias justas do estado de natureza para avaliar bem o estado atual com a atenção voltada para o homem corrupto e desumano; é necessária uma transformação e uma reconstrução da vida social. O mal nasceu com a sociedade e é com ela, desde que devidamente renovada, que ele pode ser dominado, vencido e extinguido. Deve-se bloquear o mal e apoiar na bondade e na virtude que existe no homem, criando instituições sociais que não mudem o desenvolvimento do mesmo, mas o coloquem em condições de realizar a sua mais profunda liberdade.

os esforços laboriosos da conquista intelectual verdadeira, que se realiza na luta contra os obstáculos e na atividade criadora do espírito livre de pressões.

Rousseau busca uma sociedade que, mesmo não restabelecendo o estado natural, venha a aparecer como uma versão mediata dele, uma sociedade mais justa, sem desigualdades e injustiças, com um novo equilíbrio, apoiado mais na intuição do que no raciocínio, mais na criatividade do que na burocracia.

gradualmente o homem natural. Ela já não oferece aos olhos do sábio senão uma reunião de homens artificiais e de paixões fictícias que são obra de todas essas novas relações e não tem nenhum fundamento real na natureza.

A prática das artes naturais, a que um só homem pode bastar, leva à pesquisa sobre as artes de indústria, que exigem o concurso de muitas pessoas. As primeiras podem ser praticadas por solitários, por selvagens, mas as outras só podem ter origem na sociedade, e a tornam necessária. Enquanto só conhecemos a necessidade física, cada homem basta a si mesmo; a introdução do supérfluo torna indispensável a divisão e a distribuição do trabalho (ROUSSEAU, *Emílio*, p. 234).

O espírito da sociedade e a desigualdade que ela engendra é que mudam e alteram assim todas as nossas inclinações naturais e leva os homens a odiarem-se entre si à proporção que seus interesses se cruzam e que a perda de um quase sempre faz a prosperidade do outro. Enquanto o homem natural procura apenas o seu sustento, o homem em sociedade não quer só o necessário para seu sustento mas quer também o supérfluo, as riquezas.

Rousseau sempre pretendeu não foi exaltar a animalidade do selvagem, porém sua mais profunda humanidade em relação ao homem civilizado. Para ele, o homem não se regenera pela destruição da sociedade e com o retorno à vida no meio das florestas. Embora privado, no estado social, de muitas vantagens da natureza, ele adquire outras: a capacidade de desenvolver-se mais rapidamente, a ampliação dos horizontes intelectuais, o enobrecimento dos sentimentos e a elevação total da alma. Se os abusos do estado social civilizado não o colocassem abaixo da vida primitiva, o homem deveria bendizer sem cessar o instante feliz que o arrancou para sempre da animalidade e fez de um ser estúpido e limitado uma criatura inteligente. O propósito visado por Rousseau é combater os abusos e não repudiar os mais altos valores humanos.

Os abusos centralizam-se, para ele, na perda de consciência a que é conduzido o homem pelo culto dos refinamentos, das mentiras convencionais, da ostentação da inteligência e da cultura, nas quais se busca mais a admiração do próximo do que a satisfação da própria consciência. Rousseau, reconhece a função útil das ciências e das artes, mas não quer ver os artistas e intelectuais submetidos aos caprichos frívolos dos modos passageiros. Pelo contrário, glorifica

de fazer mal aos outros desnecessariamente. Desde suas origens, o homem natural, segundo Rousseau, é dotado de livre arbítrio e sentido de perfeição, mas o desenvolvimento pleno desses sentimentos só ocorre quando estabelecidas as primeiras comunidades locais, baseadas sobretudo no grupo familiar. Esse é o período da evolução, a meio caminho entre a brutalidade das etapas anteriores e a corrupção das sociedades civilizadas; esta começa no momento em que surge a propriedade privada; concorrência e rivalidade, de um lado, de outro, oposição de interesses e sempre o desejo oculto de alcançar o proveito à custa de outrem. Todos estes males são o primeiro efeito da propriedade e o cortejo inseparável da desigualdade nascente.

Os homens não são feitos para serem amontoados em formigueiros, mas para se espalharem pela terra que devem cultivar. Quanto mais se reúnem, mais se corrompem. As doenças do corpo, assim como os vícios da alma, são o efeito infalível dessa associação muito numerosa. De todos os animais, o homem é aquele que menos pode viver em rebanhos (ROUSSEAU, *Emílio*, p. 41).

Com o homem civil, surgiram as aflições do espírito que nos consomem, as paixões violentas que nos esgotam e nos arruinam, os trabalhos excessivos com que se sobrecarregam os pobres, a indolência ainda mais perigosa a que os ricos se entregam, e que fazem uns morrerem de suas necessidades e os outros de seus excessos. O filósofo nos incita a pensar nas monstruosas misturas dos alimentos, em seus condimentos perniciosos, nas drogas falsificadas, nas trapaças dos que as vendem, nos erros dos que as administram; nas doenças epidêmicas provocadas pelo ar infecto entre as multidões de homens reunidos, aquelas causadas pela delicadeza de nossa maneira de viver, os excessos que se transformam em hábitos necessários e cuja negligência ou privação nos custa depois a vida ou a saúde.

Em suma, Rousseau afirma que se reunirmos os perigos que todas essas causas agrupam continuamente sobre nossas cabeças, perceberemos quão caro a natureza nos faz pagar o desprezo que tivemos por suas lições.

Fica claro que também se deve lançar na conta da sociedade os assassinatos, os roubos, a inveja, fatos que ultrajam a natureza. Da sociedade nascem mais calamidades do que vantagens, porque vai esvaindo-se

CAPÍTULO III

CIVILIZAR A CIVILIZAÇÃO

A civilização é vista por Rousseau como responsável pela degeneração das exigências morais mais profundas da natureza humana e sua substituição pela cultura intelectual.

Segundo Rousseau, uma criança que cresce numa assim chamada sociedade civilizada é ensinada a dobrar e sufocar seus instintos naturais, a reprimir seus verdadeiros sentimentos, a impor sobre as emoções as categorias artificiais do pensamento conceitual e a fingir que não pensa nem sente todo tipo de coisa que de fato pensa e sente. O resultado é a alienação de seu eu verdadeiro, a falsidade e a hipocrisia que invadem tudo.

Já que nenhum homem tem autoridade natural sobre seu semelhante, e uma vez que a força não produz direito algum, restam então as convenções como base de toda autoridade legítima entre os homens (ROUSSEAU, *O contrato social*, p. 13).

A uniformidade artificial de comportamento, imposta pela sociedade às pessoas, leva-as a ignorar os deveres humanos e as necessidades naturais. Mas uma vez tendo entrado na civilização, o homem já não tem a opção de retornar ao estado primitivo, o que precisamos fazer é civilizar a civilização, mudá-la de modo a permitir a mais plena e livre expressão de nossos instintos naturais. Assim como a polidez e as demais regras da etiqueta podem esconder o mais vil e impiedoso egoísmo, as ciências e as artes, com todo seu brilho exterior, freqüentemente seriam somente máscaras da vaidade e do orgulho.

A vida do homem primitivo, ao contrário, seria feliz porque ele sabe viver de acordo com suas necessidades vitais. Ele é amplamente auto-suficiente porque constrói sua existência no isolamento das florestas, satisfaz as suas necessidades sem maiores dificuldades, e não é atingido pela angústia diante da doença e da morte. As necessidades impostas pelo sentimento de autopreservação presente em todos os momentos da vida primitiva e que impele o homem selvagem a ações agressivas são contrabalançadas pelo inato sentimento de piedade que o impede

Quando não se vive por si mesmo mas pelos outros, são os juízos dos outros que regulam tudo, nada parece bom nem desejável senão aquilo que o público julgou ser assim, e a única felicidade que a maioria dos homens conhece é a de que os outros os creiam felizes.

Todos pensam no seu interesse e ninguém no bem comum. Os interesses particulares são sempre opostos, sempre um perpétuo choque de disputas, um fluxo e refluxo de preconceitos, de opiniões contraditórias, cada um dos grupos tem as suas regras, os seus juízos, os seus princípios que, de maneira nenhuma, são admitidos pelos outros. O homem honesto de uma casa é um tratante na casa vizinha. O bom, o mau, o feio, o belo, a verdade, a virtude têm apenas um valor local e restrito.

constituem o indivíduo como homem, no sentido mais natural que se possa imaginar no seio da sociedade que conhecemos.

É a partir da consciência da sua própria experiência e da experiência da humanidade que o homem tem condições de se formar como um ser moral e político.

A educação era marcada pela crença na bondade natural do homem e pela atribuição à civilização da responsabilidade pela origem do mal. Se o desenvolvimento adequado é estimulado, a bondade natural do indivíduo pode ser protegida da influência corruptora da sociedade.

Considerando essa degeneração do homem, que acontece na sociedade, se pode pensar no desenvolvimento humano que se dá a partir do nascimento do homem. Mas, com a civilização invadindo a natureza, a ansiedade de conhecer e saber atropela o ritmo natural desse desenvolvimento.

A civilização trouxe danos, fez nascer no homem anseios inúteis, endossou o exercício vazio e sem importância do intelecto, dissolveu os costumes e ofuscou o frescor e a vitalidade da natureza em nós. "*O homem nasceu livre e por toda parte ele está agrilhado*" (ROUSSEAU, *O contrato social*, p. 9).

A cultura moderna gerou corrupção, infelicidade e desigualdades, fazendo da existência algo de artificial, distanciando as pessoas do modelo natural. O homem por natureza é bom, amável; o que o degenera é a civilização, que nele cria oposição aos outros, contradições, lassidão interior e exterior; não são os homens civilizados que devem ensinar a virtude e a verdade, das quais não são proprietários, mas sim a natureza, verdadeira mestra universal, que não lança mão de constrangimentos, mas sabe ensinar com os fatos.

"*A sociedade enfraqueceu o homem não apenas lhe tolhendo o direito que tinha sobre suas próprias forças, mas sobretudo tornando-as insuficientes*" (ROUSSEAU, *Emílio*, p. 76). De livre e independente como fora outrora, o homem se encontra agora, devido a uma porção de novas necessidades, submetido, por assim dizer, a toda a natureza e principalmente a seus semelhantes, dos quais em certo sentido é escravo mesmo quando deles é senhor. Fora da sociedade, nossos hábitos nascem dos nossos próprios sentimentos na solidão, na sociedade eles nascem da opinião dos outros.

CAPÍTULO II

EDUCAÇÃO, NATUREZA E CIVILIZAÇÃO

A infância passa a ser considerada por Rousseau o lugar ou momento de desenvolvimento humano em que se pode identificar o ser humano no seu modo de ser mais natural. Pensar, então, a infância deste ser é, na verdade, pensar no momento em que ele pode se formar enquanto homem natural.

A natureza quer que as crianças sejam crianças antes de serem homens. Se quisermos perverter essa ordem, produziremos frutos temporões, que não estarão maduros e nem terão sabor, e não tardarão em se corromper (ROUSSEAU, *Emílio*, p. 86).

A ausência de uma educação conforme a natureza tem como consequência todo o revestimento do homem dos seus vícios e preconceitos. Ao invés da educação natural, temos o homem desfigurado, que somente age conforme o que a consciência e a razão dizem que deve ser uma sociedade corruptora, que cada vez mais leva o homem a corromper-se de forma que é cada vez maior a distancia da sua aparência atual daquela que lhe era própria ao nascer.

Mas, se queremos pensar na formação do homem, com vistas à sua cidadania, é preciso considerar que o mesmo deve ser educado para ser o homem natural para o qual apontam as determinações da natureza, ratificando-se assim a necessidade de educarmos o homem desde sua infância, para que lhe seja garantida a preservação de todas as suas inclinações naturais, que podem ser corroídas pelo meio social, revestido de hábitos e costumes que imprimem os vícios e os preconceitos no indivíduo.

Podemos afirmar ser possível o exercício da cidadania plena somente mediante a preparação do homem para a sua condição de cidadão, o que não ocorrerá se antes o indivíduo não for devidamente preparado para se firmar como homem simplesmente. Deste modo, antes de pensarmos no desenvolvimento do intelecto, devemos pensar no desenvolvimento de todos os aspectos físicos que

Surge a desigualdade quando alguém cerca um terreno e diz “isto me pertence” e encontra pessoas simples, ingênuas que acreditam. Foi este homem o verdadeiro fundador da sociedade civil. Quantos crimes, quantas misérias não teriam sido poupadas ao ser humano se alguém tivesse impedido este ato, porque a terra não é de ninguém e os frutos nela produzidos pertencem a todos. A violência daquele que, pela primeira vez, abusou do poder conferido pela propriedade explica essa mesma violência como resultado de um desvio da natureza humana por ele postulada. Embora Rousseau situe a violência no nível social, ele a desvia para o nível moral, pois na verdade ela se resume no choque entre indivíduos ricos e pobres, já que a sociedade é feita por um contrato, por um agregado de indivíduos.

Rousseau descreve o homem e sua condição primeira, e essa fase primitiva é um paraíso onde o homem e a natureza estão interligados, gozando de liberdade e felicidade. O homem sairá da animalidade somente quando tiver tido a oportunidade de exercer sua razão. No estado em que viviam os homens espalhados pela floresta, Rousseau imaginava a humanidade primitiva completamente livre, sem vínculo algum ao seu semelhante, sem se prender a nada. Existia uma harmonia do indivíduo com o mundo, um fazia parte do outro, gozavam de equilíbrio perfeito, nada os escravizava. O homem natural adaptado e convivendo; gozando de sua liberdade com todos os outros animais desde criança não os menospreza, pois fazem parte desta mesma natureza, apenas cria um domínio, baseando em sua capacidade superior em todos os seus movimentos aos outros animais. Embora não podendo medir em força, tem organização e agilidade pela qual é respeitado e aceito como parte de um todo.

A natureza é pura, isenta de males e conseqüentemente todos que vivem ali são providos dos mesmos benefícios, das mesmas condições e o homem natural é tão sadio quanto o lugar onde vive. Desta forma, médicos e remédios são coisas que pertencem a outra realidade e se por ventura o homem tem necessidade de remédio, a natureza supre por inteiro essa condição por si só.

O homem natural nada tem a temer além das coisas que lhe são destinadas naturalmente, a natureza tem os seus cuidados com todos os que dela fazem parte, tornando-os mais robustos, vigorosos, dotados de força e coragem, enquanto o homem civil, ao tornar-se sociável, é mais fraco e perde a metade dessas vantagens.

Um único homem pode se dedicar a obras, a criar artes sem necessitar de outros para ajudá-lo, vivendo livre, sadio, bom e feliz quanto o poderia ser por sua natureza, desfrutando de uma existência independente. A partir do momento em que o homem sentiu necessidade de ajuda do outro, desapareceu a igualdade, introduziu-se a propriedade, o trabalho tornou-se necessário, as florestas transformaram-se em campos nos quais os homens logo se viram como escravos, a miséria germinou e cresceu com as colheitas.

O estado de felicidade original termina. E surge a divisão entre o meu e o teu, isto é, a propriedade privada evidenciando uma percepção do social como luta entre fracos e fortes vigorando o poder da força.

"Tudo está bem quando sai das mãos do autor das coisas, tudo degenera entre as mãos do homem" (ROUSSEAU, *Emílio*, p. 7). A vocação natural do homem é viver. Ele nasce inocente, fraco, indefeso e desprovido de tudo e deve-se manter esta inocência para não envelhecer cedo. No homem natural predominam paixões baseadas no amor de si que se transforma em amor próprio. A noção de bem e mal ocorre no homem social.

Por natureza, todo indivíduo tem o direito a vida, ao que é necessário à sobrevivência de seu corpo e à liberdade. Todos são livres, ainda que por natureza uns sejam mais fortes e outros mais fracos.

A liberdade segundo a natureza, que torna a criança forte, implica num corpo obediente e protegido contra o vício.

Sabeis qual é o meio mais seguro de tornar miserável vosso filho? É acostumá-lo a obter tudo, pois, crescendo seus desejos sem cessar pela facilidade de satisfazê-los, mais cedo ou mais tarde a impotência vos forçará, ainda que contra a vontade, a usar de recusa. E essa recusa inabitual dar-lhe-á um tormento maior do que a própria privação do que deseja (ROUSSEAU, *Emílio*, p. 81).

A natureza indica o caminho a ser seguido, pois, desde cedo ela fortalece o temperamento da criança com provas de toda espécie, e ensina-lhes, muito cedo, o que é uma dor e o que é um prazer mediante experiências de várias espécies. Isso ocorre de forma lenta e cuidadosa, tornando-a corajosa e forte para realizar seus objetivos, cada qual avançará segundo seu gosto, suas necessidades e seus dons naturais. O bem estar que a liberdade proporciona à criança compensa muitos tropeços que levarão ao aprendizado. Mas deve ser uma liberdade ponderada que não desperte vícios, tirania, obsessão, pois quando ela é acostumada a ter tudo o que quer e a ter realizados todos os seus sonhos, desejos, se torna possessiva e autoritária e sempre desejará mais do que tem.

O homem bom, simples e verdadeiramente livre, que vive isolado, deseja apenas o que pode e faz o que lhe agrada, não deve nada a ninguém e tem o direito de viver como entender, não tem necessidade de tantos talentos, porque se sustenta com a sua simplicidade. Há no estado de natureza uma igualdade de fato, real e indescritível porque é impossível neste estado que a simples diferença de um homem para outro seja suficientemente grande para tornar um dependente do outro.

homens iguais no estado natural, quando viviam isoladamente como selvagens. A civilização se encarrega de introduzir a desigualdade.

Rousseau, em 1762, publica dois de seus mais conhecidos e influentes trabalhos: *Emílio* e *Do contrato social*. Estes dois, após suas publicações, foram considerados ofensivos à autoridade e assim inicia para Rousseau um período difícil de perseguições políticas. Seus problemas não são mais com amigos ou amantes, como antes acontecia, mas com o parlamento. Refugia-se em Neuchâtel. Voltaire, através de um panfleto, critica Rousseau, magoando-o fortemente. Assim, pôs-se a escrever *As confissões*, relatando toda a sua vida e pensamento, sendo assim, uma espécie de autobiografia que o sintetiza como homem, filósofo, educador e romântico.

Em seus últimos anos de vida, Rousseau escreveu os *Devaneios de um caminhante solitário*, com descrições da natureza e dos sentimentos humanos.

O HOMEM NATURAL E O CIVIL

Rousseau busca o homem primitivo, natural, anterior a tudo quanto é social. Para ele, os indivíduos em estado de natureza vivem isolados pelas florestas, sobrevivendo com o que a natureza lhes dá, cultivando a terra e vivendo de seus frutos, morando em cabanas rústicas, costurando suas roupas de pele com espinhos, construindo canoas, arcos e flechas para caçar e pescar, comunicando-se através de gesto e cantos, numa linguagem sincera e simples.

Vivendo como um bom selvagem inocente, num estado de felicidade original, o tranqüilo habitante dos campos tem apenas necessidade, para sentir a sua felicidade, de conhecê-la verdadeiramente, simbolizando assim a bondade inata do homem natural.

Rousseau ressalta com grande relevância a importância de uma educação natural e ao mesmo tempo renovada, direcionada à pessoa humana, fundamentando-se na liberdade do homem natural, onde o principal objetivo é a reconstrução de um homem social participante de uma sociedade racional que respeite a natureza.

CAPÍTULO I

ROUSSEAU E A NATUREZA HUMANA

ROUSSEAU: VIDA E IDÉIAS

Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), nasceu em Genebra, no dia vinte e oito de junho. Orgulhava-se de sua origem, porém recebeu influências da França, uma vez que sua família era de origem francesa. Tendo perdido sua mãe, Suzane, uma semana após o parto, foi criado pelo pai, Isaac, que era um tanto despreocupado e instável.

Nos primeiros anos de sua vida, sua educação foi de permissão e prazeres. Desde muito cedo aprendeu a ler, lia com seu pai por horas a coleção de romances deixada por Suzane e foi através desta coleção que tirou a primeira parte de sua educação. Sua vida iria continuar assim, cheia de emoções violentas, sempre desgarrado, sempre errante, de um trabalho para o outro, de uma mulher para outra, de um país para outro. Experimentou muitas das realidades mais ásperas da vida, trabalhando em vários empregos, teve cinco filhos ilegítimos de uma criada.

Em 1749, participou de um concurso proposto pela Academia de Dijon, com a tese: "Contribuiu a restauração das ciências para a pureza ou para a corrupção dos costumes?" A resposta foi negativa e construída sobre a doutrina do "estado natural". Esta idéia foi muito discutida durante este período, chegando alguns a dar-lhe a mesma forma em que a colocava então Rousseau.

No *Discurso sobre as ciências e as artes* (1750), Rousseau articulou o tema fundamental que corre através de sua filosofia social: o conflito entre as sociedades modernas e a natureza humana, ressaltando o paradoxo da superioridade do estado selvagem, proclamando a "volta da natureza". Ao mesmo tempo, denuncia as artes e as ciências como corruptoras do homem. Mais tarde, Rousseau escreveu sobre a origem da desigualdade entre os homens e procura recriar na mente a imagem do homem natural. Desenvolveu o tema de que da própria civilização vinham os males que afligiam o homem civilizado. Considera os

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por finalidade ressaltar a visão que Rousseau apresenta sobre o estado natural do homem.

Tenta mostrar a condição primeira do homem, em relação ao homem já corrompido pela sociedade; quais foram as descobertas, os males que foram surgindo neste estágio de transformação, onde aparece o rompimento da igualdade entre os homens.

Com o surgimento da sociedade e das leis, aparecem novos obstáculos ao pobre e novas forças ao rico, destruindo assim a liberdade natural e fixando a lei da propriedade e da desigualdade, tendo a ambição como causa para que o homem alcance essa condição de superioridade.

Rousseau acreditava que os seres humanos nasceram bons, mas foram corrompidos pela experiência de crescer em sociedade.

Um dos destaques principais de sua obra é a sua visão naturalista. Seu projeto propõe uma educação conforme a natureza. Entretanto, não significa voltar à vida selvagem ou primitiva, e sim buscar a verdadeira natureza ou vocação do ser humano. Ele acreditava que nossos instintos naturais são bons, mas uma vez tendo entrado na civilização, o homem já não tem a opção de retornar ao estado primitivo. A civilização precisa passar por uma transformação de modo a permitir a mais plena e livre expressão de nossos instintos naturais, que nos levam a servir o interesse comum.

Assim, da mesma forma que o cidadão elabora as leis da sociedade democrática, também a educação natural busca a espontaneidade original, livre da escravidão, a fim de que o homem seja dono de si mesmo, agindo por interesses naturais e não por constrangimentos exteriores e artificiais.

ÍNDICE

Introdução	5
Capítulo I: Rousseau e a natureza humana	
Rousseau: vida e idéias	6
O homem natural e o civil.....	7
Capítulo II: Educação, natureza e civilização.....	11
Capítulo III: Civilizar a civilização.....	14
Conclusão	18
Bibliografia.....	19

DEDICATÓRIA

Quero dedicar esta Dissertação Filosófica a Deus, que com sua presença me proporcionou força para que pudesse conquistar mais essa etapa.

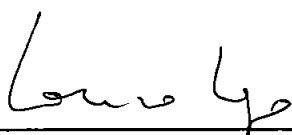
Com especial carinho, a minha mãe, meus irmãos, a todos os meus familiares que muito fizeram por mim nestes quatro anos. E àqueles que encontrei em meu caminho no decorrer destes anos e que de alguma forma contribuíram para o meu desenvolvimento.

A todos os mestres do curso de filosofia que me fez conceber uma outra visão do mundo, começando por mim mesma, em especial ao professor Lorenzo Lago que muito contribuiu para a realização deste trabalho.

Inêz Francisca de Jesus

A CONCEPÇÃO DA NATUREZA HUMANA EM ROUSSEAU

Monografia apresentada no dia 18 de Dezembro de 2004, como parte das exigências do Curso de Filosofia.



Lorenzo Lago
Orientador

José Geraldo
Professor

Rogério Jacinto
Coordenador

Centro de Ensino Superior de Rubiataba – CESUR
Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER



A CONCEPÇÃO DA NATUREZA HUMANA EM ROUSSEAU

Inêz Francisca

30789
500ri

Tombo nº	9448
Classif.:
Ex.:

Origem:
Data:

FOLHA DE AVALIAÇÃO

Inêz Francisca

A concepção da natureza humana em Rousseau

Data da apresentação: ___/___/___

Aprovada em ___/___/___

Assinatura do professor orientador

Assinatura do aluno

Rubiatába, 2004

Inêz Francisca

A CONCEPÇÃO DA NATUREZA HUMANA EM ROUSSEAU

Monografia apresentada como exigência para conclusão do curso de Filosofia da Faculdade de Ciências e Educação de Rubiataba – FACER, sob a orientação do professor Lorenzo Lago, como requisito avaliativo na disciplina Dissertação Filosófica II.

2004